

A GRAMÁTICA DO SILENCIAMENTO: AUDISMO ALGORÍTMICO NO TIKTOK

THE GRAMMAR OF SILENCING: ALGORITHMIC AUDISM ON TIKTOK

Ciências Humanas, Linguística & Letras e Artes • 15/08/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/786828983](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/786828983)

Emanuel Bruno Carioca Silva¹

RESUMO

Este artigo examina o audismo algorítmico no TikTok, investigando como a arquitetura sociotécnica da plataforma condiciona a visibilidade e a circulação de enunciados que marginalizam sujeitos surdos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativista, ancorada na etnografia digital. No plano teórico, inscreve-se na Linguística Aplicada crítica (Moita Lopes, 2006; Pennycook, 2021), articulando a Análise Crítica do Discurso à Gramática Sistemico-Funcional (Fairclough, 2003; Halliday; Matthiessen, 2014). A partir do sistema de transitividade, analisam-se orações em português em circulação digital, identificando regularidades léxico-gramaticais que configuram o sujeito surdo como obstáculo comunicativo, alvo de *necrohumor* ou recurso instrumental para a produção de silêncio. Sustenta-se que a lógica de engajamento das plataformas opera processos de necroalgoritmização, naturalizando exclusões e hierarquizando modalidades linguísticas ao privilegiar o fonocentrismo em detrimento das línguas de sinais. Conclui-se que o audismo algorítmico se inscreve na materialidade textual como prática discursiva que reitera desigualdades históricas.

Palavras-chave: audismo algorítmico; necroalgoritmização; transitividade; TikTok; Linguística Aplicada crítica.

ABSTRACT

This article examines algorithmic audism on TikTok, investigating how the platform's sociotechnical architecture shapes the visibility and circulation of utterances that marginalize deaf subjects. The study adopts a qualitative, interpretivist approach grounded in digital ethnography. Theoretically, it is situated within Critical Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006; Pennycook, 2021), articulating Critical Discourse Analysis with Systemic Functional

Grammar (Fairclough, 2003; Halliday & Matthiessen, 2014). Drawing on the transitivity system, the analysis focuses on Portuguese clauses circulating in digital environments, identifying lexicogrammatical patterns that construe deaf subjects as communicative obstacles, targets of *necrohumor*, or instrumental means for the production of silence. It is argued that platform engagement logics enact processes of *necroalgorithmization*, naturalizing exclusions and hierarchizing linguistic modalities by privileging phonocentrism over sign languages. The study concludes that algorithmic audism is inscribed in textual materiality as a discursive practice that reproduces and updates historical inequalities in digital communication.

Keywords: algorithmic audism; necroalgorithmization; transitivity; TikTok; Critical Applied Linguistics.

1. INTRODUÇÃO

A ascensão, sobretudo da centralidade, das plataformas digitais na organização da vida social contemporânea tem reconfigurado profundamente os modos de produção, circulação e legitimação de discursos. Em ambientes mediados por algoritmos, a visibilidade dos enunciados deixa de ser apenas resultado de interações interpessoais diretas, passando a depender de sistemas automatizados de recomendação, ranqueamento e engajamento. Nesse contexto, a informação não circula de maneira neutra, mas é atravessada por interesses econômicos, lógicas de atenção e dinâmicas de poder que influenciam quais discursos são amplificados, reiterados ou silenciados.

É nesse cenário que se inscrevem práticas discursivas que, embora frequentemente apresentadas sob a forma de humor ou

entretenimento, operam na produção e na manutenção de desigualdades sociais. Entre tais práticas, destaca-se a recorrente representação da surdez em conteúdos digitais por meio de caricaturização, simulação vocal e redução da experiência linguística surda a estereótipos. Esses enunciados, amplamente difundidos em plataformas de grande alcance, não apenas reproduzem visões estigmatizantes, mas contribuem para a construção de um imaginário social que posiciona sujeitos surdos como deficitários, incompreensíveis ou socialmente disfuncionais.

Para compreender esse fenômeno, este artigo propende a analisar o conceito de audismo algorítmico (Araújo; Carioca, 2025), entendido como a amplificação sociotécnica de práticas discursivas que hierarquizam modos de linguagem e de existência, favorecendo a circulação de representações estereotipadas da surdez. Tal noção desloca o foco da análise de atos individuais de preconceito para os processos de mediação e circulação que, no interior das plataformas digitais, contribuem para a naturalização e a reiterabilidade desses discursos. Nesse sentido, o audismo algorítmico é compreendido como parte de regimes de exclusão, ou como assevera Júlio Araújo (2025a), uma necroalgoritmização, que opera na articulação entre linguagem, tecnologia e poder.

Para este artigo, o locus para fins de observação e análise concentrou-se especificamente na plataforma TikTok, cuja arquitetura sociotécnica, orientada por sistemas de recomendação altamente responsivos ao engajamento, intensifica a circulação de conteúdos de caráter performático e humorístico. A lógica do *For You Page* (FYP), baseada na personalização algorítmica e na maximização da retenção do usuário, favorece a repetição e a amplificação de formatos discursivos que se mostram eficazes em

termos de visibilidade. Nesse contexto, enunciados que exploram a caricaturização da surdez tendem a ser reiterados, não apenas por sua produção inicial, mas por sua capacidade de engajamento e replicação.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar como o audismo algorítmico se materializa em orações em língua portuguesa veiculadas no TikTok, investigando de que modo escolhas linguísticas específicas contribuem para a construção de representações excludentes da surdez. Serão apreciados enunciados multimodais compostos por texto sobreposto ao vídeo, legendas e/ou elementos paratextuais da interface.

Para tanto, mobiliza-se a Linguística Aplicada de orientação crítica (Moita-Lopes, 2006; Penycook, 2021), em articulação com a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003) e com a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014), a fim de examinar como tais práticas discursivas se estruturam e se estabilizam.

Ao tomar o nível léxico-gramatical como baliza analítica, com ênfase no sistema de transitividade, busca-se evidenciar como padrões recorrentes de nomeação, atribuição de processos e distribuição de papéis participantes contribuem para a reconfiguração da agência e para a produção de sujeitos surdos como obstáculos comunicativos ou objetos de escárnio. Assim, o estudo procura demonstrar que o audismo algorítmico não se limita ao conteúdo com frases aleatórias, mas se inscreve em suas formas linguísticas e em suas condições de circulação.

Para além destas considerações, neste trabalho, estabelece-se uma distinção operatória entre enunciado e oração, com vistas a

assegurar precisão analítica sem desconsiderar a natureza discursiva dos dados, compreendidos à luz da noção de texto em Fairclough (2003). Os conteúdos examinados, oriundos do TikTok, são concebidos como enunciados multimodais, situados em práticas sociotécnicas específicas e atravessados por dinâmicas de circulação algorítmica.

Para fins analíticos, entretanto, procede-se a um recorte no nível da oração, entendida, à luz da Gramática Sistêmico-Funcional, como a unidade léxico-gramatical na qual se realizam as escolhas de transitividade – envolvendo processos, participantes e circunstâncias (Fuzer; Cabral, 2014 ; Halliday; Matthiessen, 2014). Tal articulação possibilita examinar de que modo a experiência é linguisticamente organizada, sem perder de vista que essas orações integram enunciados mais amplos, cujos sentidos se constituem na relação com o contexto, com a circulação e com as condições de produção discursiva.

2. GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (GSF) E A ANÁLISE DE ORAÇÕES EM ECOSSISTEMAS DIGITAIS

Antes de adentrar as minúcias desta seção, julga-se pertinente situar de onde parte e para onde se pretende chegar neste trabalho. Em outras palavras, a mobilização da Linguística Aplicada de orientação crítica justifica-se pela necessidade de compreender a linguagem para além de sua dimensão estrutural, concebendo-a como prática social atravessada por relações de poder, ideologia e desigualdade.

Conforme argumenta Moita Lopes (2006, p.26), a Linguística Aplicada, em sua vertente Indisciplinar, deve voltar-se para

problemas sociais relevantes, interrogando as formas pelas quais a linguagem participa da produção e da manutenção de assimetrias. Nessa mesma direção, Pennycook (2021, p.26) propõe uma abordagem que não apenas analisa a linguagem em uso, mas problematiza as condições históricas, políticas e culturais que a constituem, enfatizando seu papel na legitimação de determinadas formas de conhecimento e exclusão de outras².

No contexto deste estudo, tal perspectiva mostra-se particularmente pertinente, uma vez que o audismo algorítmico não pode ser apreendido apenas como um fenômeno linguístico ou tecnológico isolado, mas como uma prática discursiva situada, que articula linguagem, tecnologia e poder. Assim, a Linguística Aplicada crítica oferece o enquadramento necessário para analisar como escolhas linguísticas aparentemente ordinárias, quando inseridas em ecossistemas digitais mediados por algoritmos, contribuem para a produção e circulação de representações excludentes da surdez.

Um outro ponto a evidenciar é que a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), desenvolvida por Halliday e Matthiessen (2014), concebe a linguagem como um recurso semiótico para a construção de significados em contextos sociais específicos. Distanciando-se de abordagens formalistas, a GSF parte do princípio de que toda escolha linguística é simultaneamente uma escolha de sentido, sendo orientada por funções sociais e ideológicas. Nesse enquadramento, o texto e, por extensão, a oração, não é apenas uma unidade estrutural, mas um evento de significação situado, no qual se articulam experiência, interação e organização discursiva.

No âmbito desta pesquisa, privilegia-se o sistema de transitividade, integrante da metafunção ideacional, em razão de seu papel na

configuração da experiência linguística. Conforme assinala Amorim (2025, p.32), é o processo que estrutura a oração e orienta as demais escolhas léxico-gramaticais, definindo a articulação entre participantes e circunstâncias. Nesse enquadramento, a transitividade não apenas categoriza tipos de processos, materiais, mentais, relacionais, bem como comportamentais, verbais e existenciais (Halliday; Matthiessen, 2014) , mas também explicita modos de representar ações, estados e relações. Tal organização permite examinar a distribuição de agência, o posicionamento dos sujeitos e a forma como determinadas representações se estabilizam discursivamente.

Quando transposta para o contexto das redes sociais, essa perspectiva revela-se particularmente produtiva. Os enunciados que circulam nesses ambientes, frequentemente breves, fragmentados e altamente indexados, não deixam de operar como textos plenos, nos quais escolhas léxico-gramaticais produzem efeitos de sentido e participam da construção de imaginários sociais. Nesse sentido, a análise de orações extraídas do ambiente digital possibilita evidenciar como práticas discursivas cotidianas atualizam e reiteram estruturas de poder, como o audismo, por meio de configurações aparentemente banais.

Além disso, a circulação algorítmica desses enunciados intensifica seus efeitos, na medida em que determinadas formas linguísticas são amplificadas, reiteradas e progressivamente naturalizadas em larga escala. Nesse processo, o que poderia se configurar como ocorrência pontual passa a operar como padrão discursivo, estabilizando sentidos e contribuindo para a sedimentação de representações sociais. A GSF ao oferecer instrumentos para a análise das escolhas léxico-gramaticais, permite apreender como

tais significados são construídos no nível da oração e do texto. No entanto, é a partir do diálogo com a Análise Crítica do Discurso, especialmente em Fairclough (2003), que se torna possível compreender como esses elementos se articulam a práticas sociais mais amplas.

Para Fairclough (2003, p.128), o discurso deve ser concebido simultaneamente como texto, prática discursiva e prática social, o que implica reconhecer que as escolhas linguísticas não apenas refletem a realidade, mas participam ativamente de sua construção e transformação. A aparente banalidade de expressões cotidianas, como aquelas analisadas neste estudo, mudo/mudinho, oculta sua inserção em ordens de discurso que regulam o que pode ser dito, por quem e sob quais condições.

Assim, ao articular a GSF com a perspectiva faircloughiana, torna-se possível estabelecer uma ponte analítica entre o nível microlinguístico, das configurações de transitividade e distribuição de papéis semânticos, e o nível macrosocial, das estruturas ideológicas que sustentam práticas como o audismo. Essa integração teórica permite evidenciar que a linguagem não apenas descreve o mundo, mas o organiza, hierarquiza e, em muitos casos, o exclui. Em ambientes mediados por algoritmos, tais processos são ainda mais intensificados, uma vez que a lógica da circulação e da visibilidade tende a privilegiar formas discursivas já estabilizadas, reforçando sua presença e dificultando sua contestação.

É nesse entrelaçamento entre forma linguística, prática discursiva e estrutura social que se insere a análise proposta, buscando compreender como o audismo se materializa, se reproduz e se amplifica nas dinâmicas digitais contemporâneas.

3. AUDISMO E ALGORITMOS

É pertinente assinalar, desde o início, que as manifestações languageiras, com ênfase nas orações, que circulam nas redes sociais e são amplificadas por sistemas algorítmicos têm suas engrenagens ancoradas na língua hegemônica, neste caso, o português brasileiro. Neste enquadramento, ao trazer à cena enunciados dirigidos à população surda, cujo núcleo lexical se organiza em torno de *mudo/mudinho* e seus derivados, observa-se a emergência de uma ecologia multissemiótica que se difunde com velocidade ubíqua.

Tal difusão é favorecida pelas condições de predominância das línguas orovocais, em detrimento da ainda reduzida presença e indexação das línguas de sinais nas mídias digitais. Configura-se, assim, um silenciamento paradoxalmente inscrito no próprio regime dos signos: um silenciamento “sinalizado”.

Convém ainda antepor que seria bem atraente replicar a definição google de algoritmo enquanto uma sequência lógica, finita e definida de instruções passo a passo para resolver um problema ou realizar uma tarefa. No que tange a essa axiologia, a crença na imparcialidade dos sistemas de IA ancora-se em uma concepção positivista de dados como entidades objetivas. No entanto, conforme argumenta Córdova (2025, p.133), tal percepção ignora o fato de que os dados são produzidos em contextos sociais atravessados por preconceitos, disputas de poder e assimetrias estruturais. Assim, ao aprender com esses dados, os sistemas algorítmicos tendem a reproduzir – e, em muitos casos, – ampliar os vieses neles inscritos, convertendo a promessa de neutralidade em um mecanismo sofisticado de perpetuação de desigualdades.

Essa dinâmica pode ser aprofundada a partir da noção de necroalgoritmização proposta por Araújo (2025a, p. 82; 2025b, p. 27) segundo a qual sistemas algorítmicos operam como dispositivos de classificação, hierarquização e gestão diferencial de sujeitos, definindo, em última instância, quais vidas são mais visíveis, mais valorizadas ou mais descartáveis. No interior desse processo, o que está em jogo não é apenas a eficiência técnica, mas a produção de regimes de visibilidade que afetam diretamente o acesso a direitos, recursos e reconhecimento social.

No caso das comunidades surdas, tais processos assumem contornos específicos. A escassez de dados em línguas de sinais, a centralidade de tecnologias baseadas em reconhecimento de fala e a marginalização de modalidades visuais-gestuais configuram um ecossistema algorítmico-linguístico profundamente fonocêntrico (Araújo; Carioca, 2025). Essa configuração reflete uma longa história de deslegitimação das línguas de sinais, agora reatualizada em ambientes digitais e sistemas automatizados.

Sob a lente da Gramática Sistêmico-Funcional, especialmente do sistema de transitividade, é possível observar como essas dinâmicas se materializam discursivamente. Há uma recorrente atribuição de agência aos sistemas tecnológicos (“o algoritmo reconhece”, “a IA interpreta”, “o sistema decide”), ao passo que se apagam os agentes humanos e institucionais responsáveis por sua concepção e implementação. Em contrapartida, sujeitos surdos são frequentemente representados como pacientes de processos (“são excluídos”, “são atendidos”, “são adaptados”), o que reforça uma distribuição assimétrica de papéis semânticos e contribui para a naturalização da exclusão.

Essa assimetria discursiva opera como mecanismo ideológico. Ao deslocar a agência para entidades tecnológicas, constrói-se um efeito de inevitabilidade e neutralidade das decisões algorítmicas. Simultaneamente, ao posicionar sujeitos surdos como objetos de intervenção, nega-se sua condição de agentes epistêmicos e produtores de linguagem, reforçando uma lógica capacitista e excludente.

Os diferentes tipos de viés, de amostragem, medição, exclusão e experimentador, adquirem, nesse cenário, uma dimensão política mais ampla. Eles não se limitam a falhas técnicas, mas constituem mecanismos de operacionalização de desigualdades estruturais no interior dos sistemas de IA. Como destaca Córdova (2025, p.130), a forma como os dados são coletados, selecionados e interpretados pode introduzir distorções significativas, comprometendo a equidade das decisões automatizadas.

Se ainda for pensando do ponto de vista decolonial, torna-se evidente que a arquitetura da inteligência artificial contemporânea está majoritariamente ancorada em epistemologias do Norte Global, que universalizam concepções específicas de linguagem e cognição. Nesse processo, modos outros de significação, como aqueles vinculados às línguas de sinais, são frequentemente invisibilizados ou tratados como marginais. Tal dinâmica reforça o que Araújo (2025b) identifica como processos de exclusão algorítmica sistemática, nos quais determinados grupos são reiteradamente posicionados à margem dos regimes de inteligibilidade computacional.

É nesse entrecruzamento que se configura o audismo algorítmico: uma forma específica de viés em que sistemas de IA reproduzem e

ampliam a hierarquização entre modalidades linguísticas, privilegiando a oralidade em detrimento das línguas de sinais. Mais do que um problema técnico, trata-se de um fenômeno político e epistemológico que evidencia a necessidade de reconfiguração das práticas de desenvolvimento tecnológico.

A incorporação do modelo do Triângulo Discursivo da Textualidade Algorítmica (TDTA), proposto por Araújo (2025b, p.30), permite aprofundar a compreensão das condições de produção e circulação dos enunciados analisados. Ao conceber o Texto-Algoritmo (TA) como instância estruturante, o autor desloca a análise da superfície textual para as mediações sociotécnicas que delimitam o campo do dizível. Nesse enquadramento, os enunciados que circulam no Tik Tok, aqui tratados como Textos-Resposta (TR), não podem ser compreendidos como produções espontâneas ou isoladas, mas como resultados de processos de filtragem, reconfiguração e amplificação operados por sistemas algorítmicos.

Tal perspectiva tensiona e amplia a abordagem sistêmico-funcional adotada neste estudo. Se, por um lado, a GSF permite descrever com precisão como a experiência é organizada na léxico-gramática, por meio de processos, participantes e circunstâncias, por outro, o TDTA evidencia que essas escolhas não se distribuem aleatoriamente, mas são condicionadas e reiteradas por lógicas algorítmicas de visibilidade e engajamento. Assim, padrões de transitividade que posicionam sujeitos surdos como agentes deslegitimados, obstáculos comunicativos ou meios instrumentais não apenas emergem nos textos, mas são potencialmente estabilizados pelo TA, que favorece a circulação de conteúdos alinhados a determinadas formas de humor e reconhecimento social.

O conceito de audismo remonta à década de 1970, quando Humphries (1975, p. 1) propõe o termo para designar formas de opressão dirigidas às pessoas surdas, em analogia ao racismo. Desde então, o audismo pode ser compreendido como um regime de hierarquização linguística e social que privilegia sujeitos ouvintes e a modalidade oral-auditiva, não se restringindo a práticas interpessoais ou institucionais, mas estruturando modos mais amplos de organização social. Na contemporaneidade, esse regime se reconfigura por meio de infraestruturas algorítmicas que medeiam a produção, a circulação e a legitimação de sentidos. Nesse contexto, a inteligência artificial não se apresenta como ferramenta neutra, mas como instância de reinscrição e intensificação de desigualdades historicamente sedimentadas.

Assim, enfrentar o audismo algorítmico implica não apenas corrigir vieses, mas questionar os próprios fundamentos sobre os quais os sistemas de IA são construídos. Isso envolve reconhecer a pluralidade linguística, incorporar comunidades surdas como agentes centrais no desenvolvimento tecnológico e tensionar criticamente os regimes de verdade que sustentam a ideia de neutralidade algorítmica.

O audismo, enquanto regime de hierarquização linguística e sensorial, encontra nas infraestruturas algorítmicas contemporâneas um meio privilegiado de reconfiguração e intensificação. Longe de operarem como dispositivos neutros, os algoritmos passam a ser compreendidos como práticas sociotécnicas inscritas em ecologias midiáticas complexas, nas quais diferentes atores disputam visibilidade, legitimidade e autoridade discursiva.

A crítica à neutralidade da inteligência artificial, já apontada por Córdova (2025), ganha maior densidade quando situada no interior do que Maly (2023) denomina de economia da atenção e de uma ecologia híbrida de mídia. Nesse ambiente, mecanismos como motores de busca e plataformas digitais não apenas organizam informação, mas funcionam como verdadeiros gatekeepers do conhecimento, definindo o que será visível e o que permanecerá marginalizado. Como destaca o autor, tais sistemas operam a partir de uma “ideologia midiática” que naturaliza seus resultados como equivalentes à verdade, reforçando a crença de que “buscar” é sinônimo de “conhecer”.

Essa naturalização é central para compreender o funcionamento do audismo algorítmico. Em um ecossistema no qual a relevância é definida por critérios como frequência de busca, interações e otimização de conteúdo, línguas de sinais, historicamente marginalizadas, tendem a ocupar posições periféricas ou mesmo inexistentes. Trata-se de um caso emblemático do que Maly (2023) discute como *data voids*: lacunas informacionais que podem resultar tanto da ausência de dados quanto de sua baixa circulação. Tais vazios não são neutros; ao contrário, constituem vulnerabilidades estruturais que podem reforçar exclusões ou ser exploradas estrategicamente.

Nesse ponto, a articulação com Araújo (2025b) torna-se particularmente produtiva. Ao propor a noção de necroalgoritmização, o autor evidencia como sistemas algorítmicos não apenas classificam, mas operam uma gestão diferencial da visibilidade e da existência. Quando determinadas formas de linguagem, como a Libras, são sistematicamente sub-representadas ou mal modeladas, o que se produz não é apenas invisibilidade

técnica, mas uma forma de deslegitimação ontológica. O audismo algorítmico, nesse sentido, pode ser compreendido como uma modalidade específica dessa lógica necropolítica aplicada à linguagem.

Além disso, Maly (2023, p.29) demonstra que os algoritmos não atuam isoladamente, mas em interação contínua com práticas humanas, como a produção de conteúdo, a otimização para mecanismos de busca (SEO) e a circulação em redes. Isso implica reconhecer que a exclusão não decorre apenas da arquitetura técnica, mas de um conjunto de práticas discursivas que moldam o que circula e ganha relevância. No caso das comunidades surdas, a baixa presença de conteúdos em línguas de sinais e a predominância de formatos orais-auditivos reforçam um ciclo de invisibilização, no qual aquilo que não circula não é indexado, e aquilo que não é indexado permanece invisível.

Sob a lente da Gramática Sistêmico-Funcional, esse processo pode ser observado na distribuição de agência nos discursos sobre tecnologia. Como já indicado, há uma tendência à agentivização dos algoritmos (“o sistema recomenda”, “a plataforma decide”), enquanto se obscurecem os agentes humanos e institucionais que estruturam essas dinâmicas. Essa construção discursiva reforça a ideologia da neutralidade e dificulta a problematização crítica dos processos de exclusão.

Por outro lado, Maly (2023, p.187) chama atenção para o papel da *spreadability* e da circulação na economia da atenção. Conteúdos que geram engajamento emocional, muitas vezes simplificados, sensacionalistas ou ideologicamente orientados, tendem a ser amplificados pelos algoritmos. Esse dado é crucial para

compreender por que determinadas narrativas ganham visibilidade, enquanto outras, como produções acadêmicas, conteúdos em Libras ou perspectivas decoloniais, permanecem à margem. A lógica algorítmica privilegia não necessariamente o conhecimento mais rigoroso, mas aquele mais circulável.

Em síntese, a articulação entre audismo e algoritmos exige compreender a IA como prática discursiva situada em uma ecologia sociotécnica marcada por disputas de poder, regimes de visibilidade e economias de atenção. A partir de Córdova (2025), evidencia-se a impossibilidade de neutralidade; com Araújo (2025b), compreende-se a dimensão necropolítica da classificação algorítmica; e, com Maly (2023), torna-se possível analisar os mecanismos concretos de circulação, visibilidade e disputa que sustentam essas dinâmicas. É nessa guinada interepistemológica que o audismo algorítmico se consolida como uma forma contemporânea e sofisticada de exclusão.

O núcleo da automação nos sistemas algorítmicos contemporâneos instaura uma dinâmica na qual erros, exclusões e opressões deixam de ser contingências e passam a constituir dimensões estruturais do próprio funcionamento tecnológico. Ao privilegiar eficiência, escala e lucro, esses sistemas minimizam a intervenção humana justamente o elemento capaz de introduzir contextualização e critérios de justiça, convertendo equívocos em dados persistentes que se acumulam, retroalimentam modelos preditivos e orientam decisões futuras (O’neil, 2020, p. 144–146).

Nesse processo, o passado é projetado sobre o futuro, cristalizando desigualdades e naturalizando a permanência de sujeitos em posições subalternizadas e minorizadas. Tal lógica, quando

transposta para o campo do audismo algorítmico, evidencia que a baixa representatividade das línguas de sinais, aliada à ausência de mediação especializada, não apenas gera falhas interpretativas, mas produz formas sistemáticas de invisibilização e distorção. Assim, a opacidade e a automatização dos sistemas não só dificultam a identificação e correção desses erros, como também consolidam um regime do discurso digital no qual a exclusão é reiterada e a opressão se torna operacionalmente eficiente, a exceção vira regra.

4. TEXTOS E ORAÇÕES

A articulação entre a perspectiva de Fairclough e a Gramática Sistêmico-Funcional permite avançar da compreensão do discurso, materializado em textos e por conseguinte orações, como prática social para a análise de sua materialidade linguística. Nesse sentido, o tripé faircloughiano, gêneros, discursos e estilos, pode ser interpretado, em chave sistêmico-funcional, como realizado por meio de escolhas léxico-gramaticais que organizam a experiência, a interação e a textualidade.

Os gêneros, entendidos como modos de agir, manifestam-se em configurações relativamente estáveis de organização textual e de encadeamento de processos; os discursos, enquanto modos de representar o mundo, encontram realização sobretudo no sistema de transitividade, por meio da seleção de processos, participantes e circunstâncias que estruturam a experiência; e os estilos, associados a modos de ser e identificar-se, materializam-se em escolhas avaliativas e posicionamentos interpessoais, frequentemente codificados em recursos lexicais como qualificadores, nomeações e gradações.

Nesse sentido, Silva (2007,p. 939) corrobora na interpretação de que a relação entre a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) e a Análise Crítica do Discurso (ACD) é de caráter transdisciplinar, na medida em que a ACD se apoia no aparato descritivo da GSF para analisar o discurso como prática social.

E ainda, partindo da multifuncionalidade da linguagem, as metafunções ideacional, interpessoal e textual (Halliday) são reconfiguradas por Fairclough como significados de representação, ação e identificação, articulando texto e sociedade. Assim, enquanto a GSF permite descrever a materialidade léxico-gramatical, a ACD a interpreta à luz das relações de poder, evidenciando como os textos representam o mundo, organizam relações sociais e constroem identidades em contextos sócio-históricos específicos.

Retomando o enquadramento de Halliday e Matthiessen (2014, p.64), o nível léxico-gramatical assume papel central, na medida em que constitui o ponto de convergência entre significação e prática social, um continuum. Ao analisar como determinados participantes são nomeados, quais processos lhes são atribuídos e de que modo suas ações são qualificadas ou restringidas, torna-se possível evidenciar como formas de exclusão se estabilizam discursivamente.

Assim, arrematando os fios condutores, a Gramática Sistêmico-Funcional não apenas operacionaliza a análise proposta pela Análise Crítica do Discurso, mas permite demonstrar, com precisão descritiva, como os regimes de exclusão – no caso, o audismo algorítmico – são construídos, reiterados e naturalizados na materialidade da linguagem.

O infográfico, a ser apresentado na Figura 01, propõe uma atualização do modelo tridimensional de Norman Fairclough para a era algorítmica, articulando a análise do discurso às dinâmicas sociotécnicas contemporâneas. No diagrama, o texto é concebido como evento discursivo, configurado por gêneros, estilos e modos de representação, em interação com dimensões sociais, cognitivas e textuais que o sustentam. Para os fins deste trabalho, contudo, não se procede a uma exploração pormenorizada das diferentes dimensões do modelo faircloughiano, sendo este mobilizado como enquadramento teórico mais amplo para a análise.

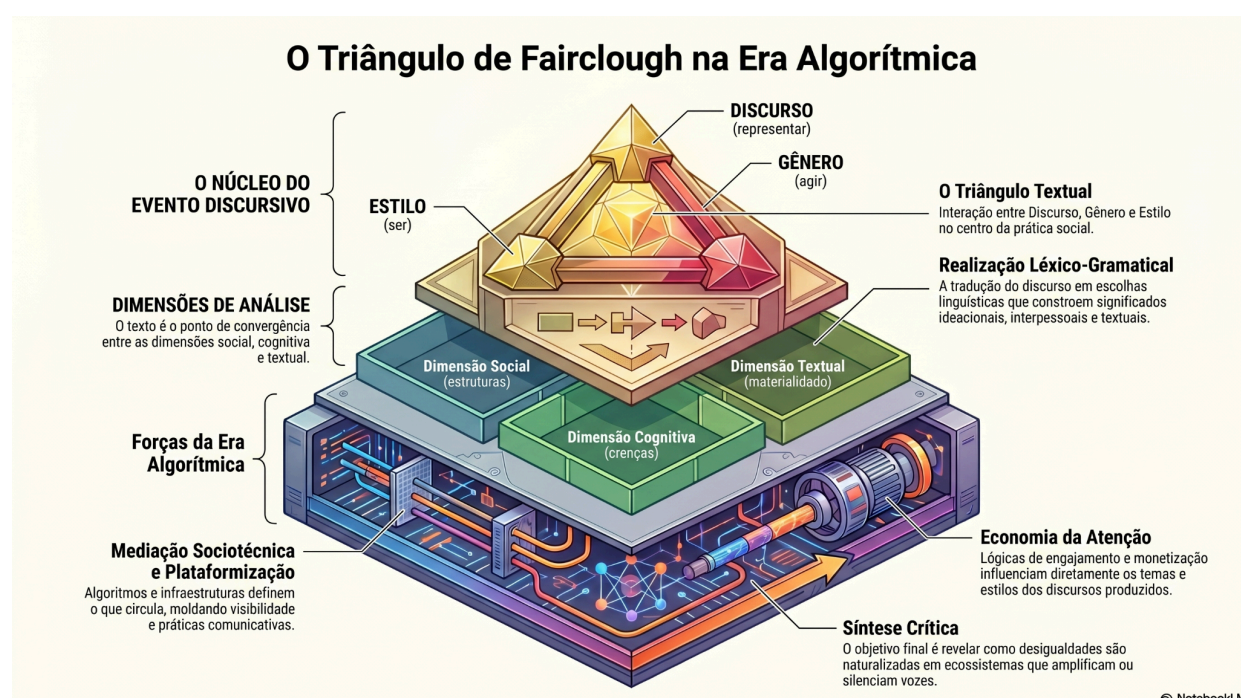
Nesse horizonte, mais do que incidir genericamente sobre a visibilidade dos enunciados, a mediação algorítmica atua na seleção e estabilização de padrões discursivos, favorecendo a recorrência de determinadas configurações léxico-gramaticais. É nesse nível que o audismo algorítmico se torna analiticamente apreensível: não apenas como efeito de circulação, mas como regularidade textual, observável na forma como a experiência surda é sistematicamente reconfigurada em termos de transitividade.

Desse modo, interessa menos reiterar que as plataformas amplificam ou silenciam conteúdos e mais compreender quais formas de dizer são reiteradamente privilegiadas, isto é, quais arranjos de processos, participantes e circunstâncias tendem a se consolidar como padrão. Tal deslocamento permite evidenciar que o audismo algorítmico não se limita a um viés externo ao texto, mas se inscreve na própria materialidade léxico-gramatical, operando como mecanismo de fixação de sentidos e de restrição de outras possibilidades de representação da experiência surda.

Interessa, portanto, à análise no nível léxico-gramatical, com ênfase na metafunção ideacional, explicitar como tais exclusões se materializam na linguagem, particularmente por meio de configurações de transitividade que, ao organizarem a experiência, inscrevem sujeitos surdos em posições discursivas de deslegitimação, obstáculo ou instrumentalização.

Em termos analíticos, o esquema evidencia que essas realizações não apenas circulam, mas são potencialmente estabilizadas por lógicas algorítmicas que reconfiguram práticas discursivas e relações de poder, uma necroalgoritmização, como bem assinalado por Araújo (2025a). Desse modo, o infográfico constitui uma ferramenta de leitura crítica que integra linguagem, tecnologia e sociedade, permitindo compreender como o audismo algorítmico se produz, se regula e se difunde na textualidade digital contemporânea.

Figura 1. Reinterpretação das dimensões textuais de Fairclough (2003) na era algorítmica.



Fonte: imagem gerada a partir de prompts do autor inseridos na IA NotebookLM (2026).

5. PERCURSO METODOLÓGICO

A ancoragem metodológica desta pesquisa inscreve-se no campo da etnografia digital, entendida como uma abordagem voltada à investigação de práticas sociais mediadas por tecnologias em sua dimensão situada, incorporada e multissemiótica (Pink et al., 2016). Tal perspectiva articula-se ao paradigma interpretativista, na medida em que busca compreender a complexidade da experiência vivida a partir do ponto de vista dos próprios sujeitos (Kozinets, 2014, p. 177).

Ainda é possível desdobrar e indicar que a netnografia, enquanto desdobramento metodológico da etnografia no contexto online, revela-se particularmente pertinente, uma vez que se ancora nos pressupostos da etnografia interpretativa, privilegiando a compreensão dos sentidos produzidos nas interações mediadas digitalmente.

Nesse enquadramento, as redes sociais são concebidas como ecossistemas sociotécnicos nos quais linguagem, tecnologia e circulação se imbricam, possibilitando a emergência, a recorrência e a amplificação de práticas discursivas. É nesse horizonte que se mobiliza a noção de audismo algorítmico, não como mera categoria nominativa ou neologismo, mas como constructo analítico a ser examinado à luz de uma Linguística Aplicada de viés crítico, voltada à compreensão das condições de produção, circulação e legitimação de sentidos em ambientes digitais.

No que concerne ao corpus, e como retrocitado, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter interpretativista, não orientada por critérios estatísticos. Em suma, a pesquisa qualitativa é inerentemente interpretativa porque busca reconstruir sentidos

contidos nos materiais empíricos, utilizando métodos estruturados para garantir que essa interpretação seja fundamentada e plausível (Owe, 2007, p.222).

Como corpus, propriamente dito, as quatro orações analisadas foram selecionadas de um corpus mais amplo, oriundo de uma investigação em nível de doutoramento, por condensarem regularidades discursivas significativas para a compreensão do fenômeno audismo algorítmico. Tal recorte privilegia a densidade analítica em detrimento da representatividade numérica, permitindo examinar, em profundidade, como sentidos são produzidos e reiterados em contextos digitais.

A análise fundamenta-se na Gramática Sistêmico-Funcional, conforme proposta por Halliday e Matthiessen (2014) e sistematizada no contexto brasileiro por Fuzer e Cabral (2014, p. 41), especialmente no que se refere ao sistema de transitividade, o qual permite examinar como a experiência é representada linguisticamente por meio da articulação entre processos, participantes e circunstâncias.

A partir desse aparato teórico, torna-se possível observar como os enunciados configuram a agência, entendida como efeito das escolhas de transitividade na atribuição, restrição ou apagamento do papel de Ator, ao mesmo tempo em que constroem representações que posicionam sujeitos surdos em papéis de inferiorização, dependência ou instrumentalização.

Essa perspectiva é articulada à Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2003, p.24), segundo a qual o discurso opera simultaneamente como texto, prática discursiva e prática social. Desse modo, as orações analisadas são compreendidas como

instâncias de práticas mais amplas, cuja circulação algorítmica contribui para a naturalização e legitimação de relações de poder.

Assim, a integração entre etnografia digital, Gramática Sistêmico-Funcional e a perspectiva faircloughiana permite compreender o audismo algorítmico como um fenômeno que se manifesta na materialidade linguística, se expande na circulação digital e se ancora em estruturas sociais historicamente constituídas, evidenciando como práticas discursivas aparentemente ordinárias podem operar como mecanismos de produção e manutenção de desigualdades.

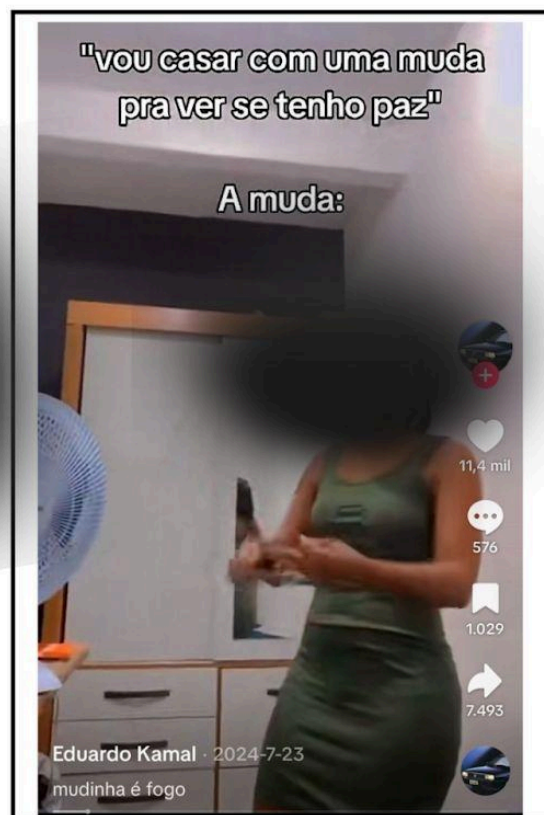
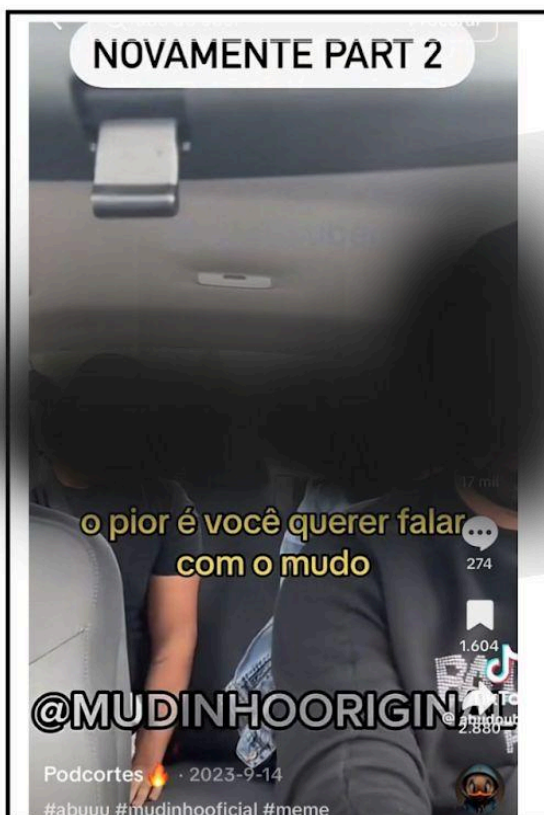
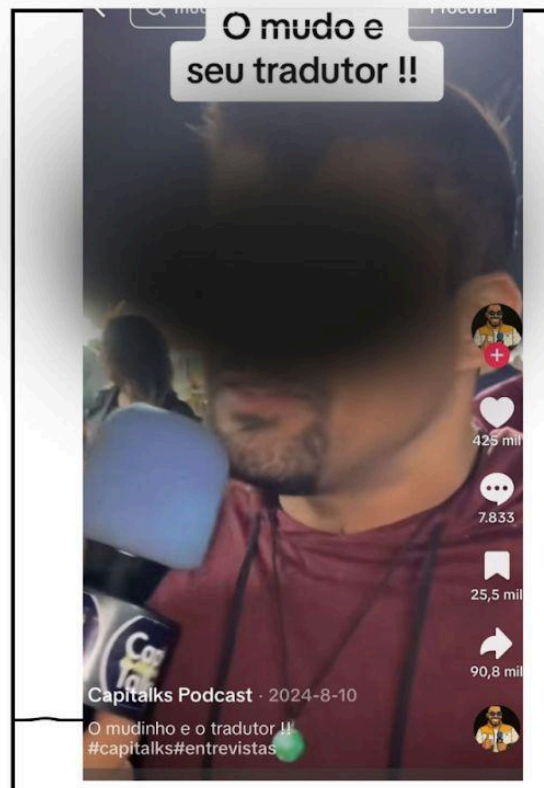
6. ANÁLISES

A análise de transitividade, supraexplicada na GDS, evidencia que o audismo algorítmico não se restringe à presença de léxicos depreciativos, mas se materializa em padrões recorrentes de representação da experiência, nos quais sujeitos surdos são sistematicamente posicionados como agentes simulados, participantes passivos, obstáculos comunicativos ou meios instrumentais. Tais configurações léxico-gramaticais, ao se reiterarem em ambientes de alta circulação, contribuem para a estabilização de regimes de exclusão inscritos na própria organização da experiência linguística.

Para fins analíticos, apresenta-se a seguir um recorte composto por quatro orações, provenientes de contextos distintos, mas convergentes quanto à sua circulação na plataforma TikTok. Cumpre assinalar que, no âmbito da investigação de doutoramento em curso, ainda não se procedeu à tipificação sistemática dos gêneros digitais em que tais excertos se inserem; nesta etapa, são

provisoriamente considerados sob a rubrica do *necrohumor*³, dada a recorrência de estratégias discursivas que articulam humor, violência simbólica e deslegitimação de sujeitos.

Figura 2. O mudo/mudinho à luz da transitividade



Fonte: imagens coletadas da mídia TikTok e extraídas de corpus da tese de doutoramento do autor (2026).

Para sistematizar os padrões observados, apresenta-se a Tabela 1, na qual se explicitam os tipos de processos, a configuração dos

participantes e os efeitos discursivos decorrentes das escolhas léxico-gramaticais.

Esta tabela analisa como diferentes estruturas linguísticas e padrões de transitividade moldam a percepção de indivíduos surdos em textos específicos. O documento detalha como o uso de diminutivos e omissões verbais pode resultar na deslegitimação da agência do sujeito ou na sua representação como um estorvo social. Através da análise de processos gramaticais, os dados revelam que a escolha de palavras frequentemente transforma a pessoa com deficiência em um objeto passivo ou uma caricatura. Além disso, o estudo aponta como certas construções frasais promovem a instrumentalização do outro, reduzindo seres humanos a meios para se obter silêncio ou paz. Em última análise, a fonte demonstra que a gramática não é neutra, possuindo o poder de reforçar estigmas e preconceitos enraizados na comunicação cotidiana.

A análise das orações a seguir evidencia um padrão sistemático de distribuição assimétrica de agência e valor semântico, no qual a população surda é reiteradamente posicionada em lugares discursivos de inferiorização, dependência e instrumentalização. À luz da Gramática Sistêmico-Funcional, observa-se que tais efeitos não decorrem apenas de escolhas lexicais isoladas, mas de configurações léxico-gramaticais mais amplas, especialmente no âmbito do sistema de transitividade, responsável por representar a experiência e organizar os papéis dos participantes nos processos.

Nos enunciados analisados, verifica-se que a atribuição de agência ao sujeito surdo, quando ocorre, é frequentemente mitigada ou distorcida por recursos avaliativos, como o uso de diminutivos e intensificadores, produzindo efeitos de pseudo-agência e

caricaturização. Em outros casos, a ausência ou elipse de processos contribui para o apagamento da ação, fixando o sujeito em relações de dependência. Há ainda construções que, por meio de avaliações explícitas ou projeções mentais, configuram a interação com sujeitos surdos como problemática, deslocando a responsabilidade comunicativa para o próprio interlocutor surdo. Por fim, identificam-se estruturas que operam a instrumentalização desses sujeitos, reduzindo-os a meios para a realização de estados desejados, frequentemente associados à ideia de silêncio.

Dessa forma, o conjunto das orações analisadas permite compreender como a transitividade funciona não apenas como um recurso descritivo da linguagem, mas como um dispositivo ideológico que organiza e naturaliza relações de poder. É nesse nível microlinguístico que o audismo se materializa e se estabiliza discursivamente, sendo posteriormente amplificado em ecossistemas digitais mediados por algoritmos. O quadro a seguir sistematiza essas ocorrências, evidenciando os tipos de processos, os papéis dos participantes e os efeitos discursivos produzidos.

Tabela 1. recortes do léxico-gramática do audismo algorítmico

Enunciado	Tipo de Processo (GSF)	Participantes	Configuração Léxico-Gramatical	Efeito Discursivo
cantou muito mudinho	Material (cantar)	Ator: "mudinho"	- Epíteto diminutivo ("mudinho") - Intensificador ("muito")	Pseudo-agência: o sujeito é representado como agente, mas de forma caricatural, deslegitimando sua produção linguística.
o mudinho e o tradutor	Relacional implícito (elíptico)	Participantes: "mudinho" / "tradutor"	- Justaposição nominal - Ausência de processo explícito	Apagamento da agência: o sujeito surdo é fixado como dependente, sem ação própria.
o pior é você querer falar com o mudo	Relacional ("é") Mental/Verbal projetado ("querer falar")	Experienciador: "você" Meta: "o mudo"	- Atribuição avaliativa ("o pior") - Oração projetada ("querer falar com")	Sujeito como obstáculo: a interação tentada com o surdo é construída como um problema.
vou casar com uma muda pra ver se tenho paz	Material (casar) + Mental/Relacional ("ter paz")	Ator: "eu" (implícito) Meta: "uma muda"	Circunstância de finalidade ("pra ver se")	Instrumentalização: o sujeito surdo é representado como meio para atingir um estado desejado (silêncio/paz).

Legenda Técnica:
 Material: ações e eventos no mundo físico.
 Relacional: atribuição de características/identidades.
 Mental/Verbal: processos de consciência e comunicação.

Fonte: elaboração realizada pelo autor com prompts, contendo análise das orações, inseridos na IA Notebook LM (2026).

De acordo com a análise empreendida, tais representações organizam-se em quatro padrões recorrentes de efeitos discursivos que retomam a ideia seminal de transitividade Participante + Processo + Circunstâncias, em face dessa arquitetura é possível catalogar:

Pseudo-agência: o sujeito surdo é formalmente inscrito como Ator em processos materiais (como em "cantou"), porém essa agência é esvaziada por escolhas léxicas avaliativas, como o epíteto diminutivo ("mudinho") associado a intensificadores ("muito"). O resultado é uma encenação de ação que, longe de legitimar o dizer, o reduz a uma forma caricatural e desautorizada.

Apagamento da agência: por meio de processos relacionais implícitos e da justaposição nominal (como em "o mudinho e o tradutor"), observa-se a supressão da ação e a fixação do sujeito surdo em uma posição relacional de dependência. Nessa configuração, sua existência discursiva é condicionada à mediação de outro participante, com conseqüente esvaziamento de sua autonomia. Ainda que se possa pressupor a elipse de um processo

verbal ou relacional, sua indeterminação reforça precisamente o efeito de apagamento da agência.

Sujeito como obstáculo: quando a interação com o sujeito surdo é enquadrada por estruturas avaliativas (como em “o pior é...”) ou por projeções mentais/verbais, constrói-se uma representação em que a surdez emerge como problema. A interlocução é discursivamente configurada como dificuldade, deslocando para o sujeito surdo a responsabilidade pela fricção comunicativa.

Instrumentalização: o sujeito surdo, frequentemente designado por formas como “muda”, é posicionado como Meta em processos materiais orientados por finalidade (como em “vou casar com... para ter paz”). Nessa configuração, não é reconhecido como sujeito de experiência, mas reduzido a meio para a obtenção de um estado desejado , notadamente, o silêncio reconfigurado como valor positivo. Em outros termos, no interior de uma relação assimétrica de poder, o sujeito ouvinte mobiliza a noção de “paz” ancorada em uma semântica de ausência de perturbação, o que implica a normalização do silenciamento do outro segundo seus próprios interesses.

Ademais, a presença de circunstâncias de finalidade, como “pra ver se”, intensifica essa orientação teleológica ao subordinar a relação interpessoal a um benefício projetado, neste caso, a obtenção de “paz”, semanticamente associada ao silêncio. O efeito discursivo resultante é a coisificação do sujeito surdo, reduzido a uma função utilitária e esvaziado de sua dimensão subjetiva, evidenciando como a organização léxico-gramatical pode operar na construção de relações assimétricas e excludentes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi ventilado até o presente momento, os resultados indicam que o audismo algorítmico constitui uma tecnologia sofisticada de exclusão, na qual sistemas de recomendação, longe de neutros, ordenam a visibilidade e hierarquizam modos de existência. No TikTok, a economia da atenção favorece conteúdos performáticos que, sob a aparência de humor, operacionalizam a necroalgoritmização da experiência surda. Trata-se, portanto, não de desvios individuais, mas de uma exclusão estruturalmente mediada, inscrita na própria lógica de circulação das plataformas e produtora de silenciamentos de modalidades linguísticas não hegemônicas.

No plano léxico-gramatical, a análise de transitividade evidencia uma gramática do silenciamento, materializada em padrões recorrentes de pseudoagência, apagamento e instrumentalização. Tais configurações distribuem a agência de modo assimétrico, posicionando o sujeito surdo como obstáculo, recurso ou alvo de escárnio, e estabilizando esses enquadramentos na textualidade digital.

Por fim, problematiza-se a suposta neutralidade da inteligência artificial, ainda ancorada em epistemologias fonocêntricas. Enfrentar o audismo algorítmico requer reconhecer o caráter político da automação, o que implica não apenas incorporar comunidades surdas como agentes epistêmicos e técnicos no desenvolvimento de tecnologias, mas também avançar na formulação de políticas linguísticas e digitais inclusivas.

No cenário brasileiro, embora iniciativas como o Projeto de Lei nº 2.338/2023 proponham a classificação de sistemas de IA segundo

níveis de risco e ameaça a direitos fundamentais, observa-se, até o momento, um ritmo aquém das demandas impostas pela aceleração tecnológica, o que mantém lacunas significativas na regulação de práticas discriminatórias mediadas por algoritmos.

Nesse contexto, torna-se premente o fortalecimento de marcos regulatórios efetivos, capazes de assegurar transparência algorítmica, responsabilização das plataformas e proteção contra exclusões sistemáticas. Ademais, a construção de um horizonte mais equitativo demanda a reconfiguração dos próprios critérios de visibilidade e circulação, de modo a contemplar a pluralidade linguística e cultural.

Trata-se, portanto, de articular crítica discursiva, intervenção sociotécnica e compromisso ético-político, visando não apenas denunciar o audismo algorítmico, mas intervir nas condições de sua reprodução, projetando ecossistemas digitais mais justos e inclusivos/equitativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Caroline Oliveira de. *Noção gramatical de sujeito: uma abordagem à luz da Linguística Sistêmico-Funcional: a representação da categoria gramatical sujeito em postagens na rede social Instagram*. 2025. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/24440>. Acesso em: 18 abr. 2026.

ARAÚJO, J. *Necroalgoritmização: notas para definir o racismo algorítmico*. São Paulo: Mercado de Letras, 2025.

ARAÚJO, Júlio; CARIOCA, Bruno. *Quando o silêncio vira meme: a necroalgoritmização e o audismo algorítmico*. Revista Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 17, n. 3, p. 188–209, 2025. DOI: <https://doi.org/10.46230/lef.v17i3.16165>. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/16165>. Acesso em: 18 abr. 2026.

ARAÚJO, Júlio. Instâncias textuais do racismo algorítmico. Redis: *Revista de Estudos do Discurso*, [S. l.], n. 17, p. 18–57, 2025. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/15507>. Acesso em: 18 abr. 2026.

CÓRDOVA, Paulo Roberto. *Inteligência artificial: entre o fascínio e o medo*. São Paulo: Contexto, 2025. 288 p.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa* 2 ED. São Paulo: Bookman, 2007. 312 p.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4. ed. London; New York: Routledge, 2014.

HUMPHRIES, T. L. *The making of a word: audism*. [S.l.: s.n.], 1975. (Manuscrito não publicado).

KOZINETTS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online* [recurso eletrônico]. Tradução de Daniel Bueno; revisão técnica de Tatiana Melani Tosi e Raúl Ranauro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

MALY, Ico. *Metapolitics, algorithms and violence: new right activism and terrorism in the attention economy*. 1. ed. London: Routledge, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003283379>.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PENNYCOOK, Alastair. *Critical applied linguistics: a critical introduction*. 2. ed. New York: Routledge, 2021.

PINK, Sarah; HORST, Heather; POSTILL, John; HJORTH, Larissa; LEWIS, Tania; TACCHI, Jo. *Digital ethnography: principles and practice*. London: Sage, 2016

SILVA, Denize Elena Garcia da. Critical discourse analysis and the functional bases of language. In: INTERNATIONAL SYSTEMIC FUNCTIONAL CONGRESS, 33., 2006, São Paulo. *Proceedings...* São Paulo: PUC-SP, 2007. Disponível em: https://www4.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/45cda_silva_932a949.pdf. Acesso em: 19 abr. 2026.

¹ UFC/ Digital-CNPQ

² Tradução livre de 'Looking more broadly at the implications of this line of thinking, we might say that critical here means taking social inequality and social transformation as central to one's work'.

³ Vale destacar que *necrohumor* cumpre sua significação enquanto faceta do audismo algorítmico. Há um artigo no prelo, prestes a ser publicado pelo autor que esmiúça com maior precisão. De forma genérica, nas geografias algorítmicas, [necrohumor] perfaz-se como prática discursiva que, sob a aparência inofensiva da piada, dissimula a necroalgoritmização (Araújo, 2025a) em curso nas plataformas digitais.